

FORMAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS

Quem não está aqui.

Inclusão e proteção de crianças e adolescentes na vida da igreja · Na Rota do Afeto

COMECE POR AQUI

Toda comunidade tem uma família que parou de vir e nunca disse por quê.

- Não brigou com ninguém. Não houve episódio.
- Foi rareando: primeiro o culto da noite, depois a escola dominical, depois tudo.

Quase sempre o motivo é o mesmo: cansaço de ser olhada.

TRÊS NÍVEIS — E SÓ O TERCEIRO É INCLUSÃO

Presença, participação, pertencimento.

- Presença: a pessoa está lá. É o mínimo, e muita gente para aqui.
- Participação: ela faz o que os outros fazem, com os apoios de que precisa.
- Pertencimento: ela tem lugar, função — e falta quando não vem.

Teste: se ela faltar três domingos seguidos, alguém percebe? E liga?

TRÊS LEITURAS QUE FAZEM DANO

Em ambiente de fé, comportamento costuma ser lido em chave moral.

- Obediência, respeito, esforço, caráter.
- É uma leitura legítima para muita coisa — e profundamente errada para estas três.

LEITURA 1

Autismo lido como falta de educação.

- Não olha nos olhos, não cumprimenta, cobre os ouvidos no louvor, sai no meio da oração.
- O que está acontecendo: sobrecarga sensorial e comunicação que funciona de outro jeito.

Não é desinteresse, não é grosseria, não é falha da mãe.

LEITURA 2

TDAH lido como preguiça ou desobediência.

- Não para quieto, interrompe, esquece o material toda semana, parece não escutar.
- O que está acontecendo: dificuldade de regulação da atenção e do impulso.

A criança com TDAH costuma querer corresponder e não conseguir sustentar. Essa distância é o que mais machuca nela.

TOD lido como rebeldia.

- O nome popular já entrega o julgamento: criança desafiadora, falta de limites, precisa de mão firme.
- O que está acontecendo: padrão persistente de irritabilidade e oposição, quase sempre com desregulação emocional por trás.

É condição de saúde, com acompanhamento e manejo. Não é caráter.

Quando o comportamento é lido como falha moral, a resposta vira correção e exclusão.

E a criança aprende que na igreja ela é o problema. É essa lembrança que ela leva para a vida adulta — junto com a fé, ou no lugar dela.

Dê uma volta no templo e pergunte, canal por canal.

- O que aqui é alto? Som, microfonia, aplauso repentino.
- O que é brilhante? Refletor, luz piscante, vídeo projetado.
- O que é cheiroso? Incenso, vela, perfume forte.
- O que é apertado? Porta, fila, abraço de recepção.
- O que é imprevisível? Mudança de ordem, barulho sem aviso.

Cabe numa caixa e custa pouco.

- Abafadores ou protetores auriculares
- Dois ou três objetos de manipular
- Almofada e um cobertor leve
- Cartões com a rotina do culto em imagens

Deixe na recepção — e avise que existe. Ninguém usa o que não sabe que tem.

SE A CRISE ACONTECER

Reduza estímulo. Não aumente.

- Menos gente em volta, menos luz, menos som, menos fala.
- Não segure, não force a sair, não faça plateia.
- Não ore em voz alta sobre a criança naquele momento.

Fique por perto, em silêncio, e espere. Depois não cobre explicação nem desculpa — nem da criança, nem da família.

CONTEÚDO RELIGIOSO

Comece pelo que a criança vive, não pelo que ela deve compreender.

- Deus, eternidade, salvação: conceitos que exigem pensamento simbólico.
- Nem toda criança está nesse ponto — e isso não a impede de ter vida de fé.

A experiência de ser acolhida e esperada ali é, ela mesma, conteúdo.

TRADUZIR O ABSTRATO EM EXPERIÊNCIA

Toda ideia tem uma porta de entrada concreta.

- “Deus cuida de você” — alguém cuidando dela ali, agora, de um jeito que ela percebe.
- “Amar o próximo” — dividir o lanche com o colega do lado.
- “Gratidão” — apontar uma coisa boa que aconteceu no dia.
- “Comunidade” — ter uma função, e alguém que nota quando ela falta.

O QUE NÃO DIZER À FAMÍLIA

Frases bem-intencionadas que fazem a família parar de vir.

- “Isso é falta de limite.”
- “Ele não parece autista.”
- “É só ter mais fé.”
- “Talvez seja melhor vocês virem no culto menor.”
- “A mãe precisa ficar junto, senão não dá.”

O que dizer: “o que funciona melhor para ele aqui?” E: “senti falta de vocês domingo passado.”

PROTEÇÃO

O ambiente religioso reúne quatro condições que o agressor procura.

- Confiança integral da família.
- Autoridade reconhecida.
- Acesso a crianças.
- Atividades com pouca supervisão.

Reconhecer isso não é acusar ninguém. É o que permite proteger.

A partir do próximo domingo.

- Regra dos dois adultos — sem exceção, nem para quem está há trinta anos.
- Portas com visor ou abertas. Nada de sala fechada sem janela.
- Nenhum adulto conversa a sós com criança por mensagem privada.
- Protocolo para viagens e acampamentos: quem dorme onde, quem acompanha o banho.
- Canal de relato conhecido por todos — inclusive pelas crianças.

Nenhum adulto pode pedir que uma criança guarde segredo dos pais.

- Nem líder, nem professor, nem quem quer que seja.
- E se pedir, isso é para contar na mesma hora.

Comunidade que ensina isso às crianças protege muito mais do que comunidade que confia que não vai acontecer.

SE HOUVER SUSPEITA

Três coisas que nunca protegem.

- Resolver internamente. Apuração pastoral não substitui os órgãos de proteção.
- Transferir a pessoa para outro ministério ou outra congregação.
- Pedir silêncio para não escandalizar.

O escândalo não é a denúncia — é o que foi feito com a criança.

POR ONDE COMEÇAR

Se a sua comunidade fizer só três coisas, que sejam estas.

- Converse com as famílias que já estão aí. A maioria nunca foi perguntada.
- Adote a regra dos dois adultos em toda atividade com criança.
- Escolha uma pessoa responsável por inclusão e proteção, com nome conhecido.

E ligue para a família que parou de vir. Não para cobrar presença — para escutar.

